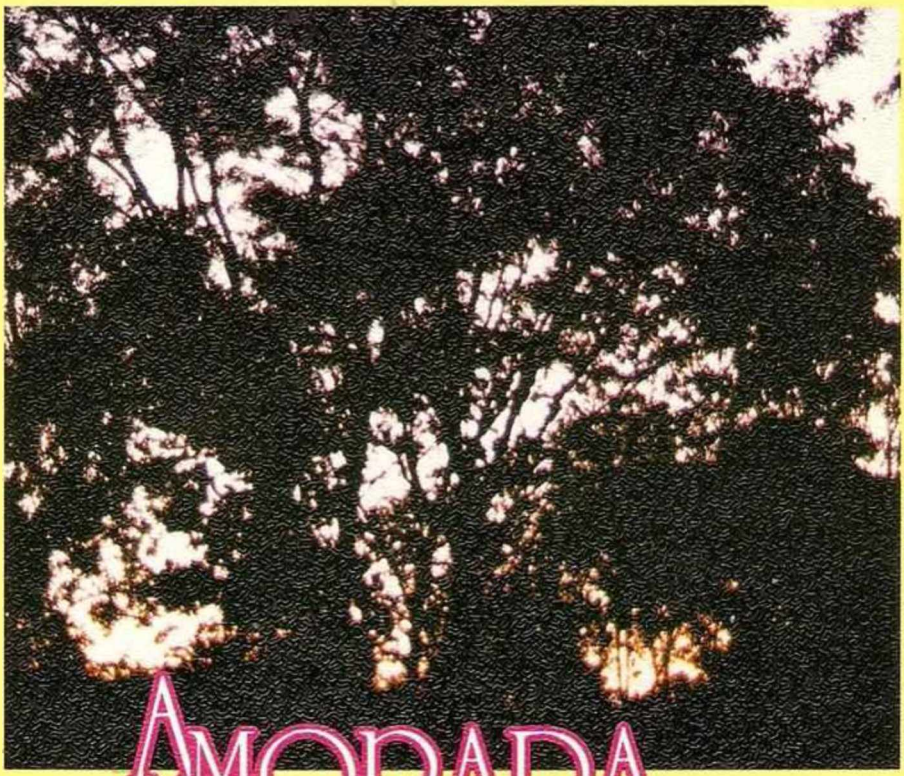
Trigueirinho



A MORADA DOS ELÍSIOS

Uma aventura esotérica

2ª edição

Pensamento

Trigueirinho

A MORADA DOS ELÍSIOS

A MORADA DOS ELÍSIOS

Uma aventura esotérica

Livros do autor

----- 1987 -----

. NOSSA VIDA NOS SONHOS

. A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

----- 1988 -----

• DO IRREAL AO REAL

. HORA DE CRESCER INTERIORMENTE *(O Mito de Hércules Hoje)*

• A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA

- CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

----- 1989 ----- -

• ERKS *Mundo Interno*

• MIZTLITLAN *Um Mundo que Desperta*

. AURORA *Essência Cósmica Curadora*

• SINAIS DE CONTATO

. O NOVO COMEÇO DO MUNDO

• A QUINTA RAÇA

. PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE

. NOVOS SINAIS DE CONTATO

. OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

----- 1990 -----

. A BUSCA DA SÍNTESE

• ANAVEDENOÉ

• TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGÍLIA

----- 1991 -----

• PORTAS DO COSMOS

. ENCONTRO INTERNO *(A Consciência~Nave)*

• A HORA DO RESGATE

. O LIVRO DOS SINAIS

. MIRNAJAD *Santuário Interior*

. AS CHAVES DE OURO

Publicados pela
Editora Pensamento (Brasil) e
pela Editorial Kier (Argentina)

----- 1992 -----

• DAS LUTAS À PAZ

• A MORADA DOS ELÍSIOS (1992-1995)

• HORA DE CURAR *(A Existência Oculta)*

. O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA *(Us)*

. HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS *(Princípios de Comunicação Cósmica)*

. PASSOS ATUAIS

. VIAGEM POR MUNDOS SUTIS

. SEGREDOS DESVELADOS *(Iberah e Anu Tea)*

• A CRIAÇÃO *(Nos Caminhos da Energia)*

• O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

• O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

----- 1993 ----- ----- -----

. AOS QUE DESPERTAM

. PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS

. A FORMAÇÃO DE CURADORES

• PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM

• AVOZDEAMHAJ

• O VISITANTE *(O Caminho para Anu Tea)*

• A CURA DA HUMANIDADE

. OS NÚMEROS E A VIDA *(Uma Nova Compreensão da Simbologia Oculta nos Números)*

• NISKALKAT *(Uma Mensagem para os Tempos de Emergência)*

• ENCONTROS COM A PAZ

. NOVOS ORÁCULOS

. UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

----- 1994 -----

. CONFINS DO UNIVERSO *(Novas Revelações sobre Ciência Oculta)*

. BASES DO MUNDO ARDENTE *(Indicações para Contato com os Mundos Supraflsicos)*

. CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO

• OS OCEANOS TÊM OUVIDOS

. A TRAJETÓRIA DO FOGO

. GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

----- 1995 -----

. A LUZ DENTRO DE TI

Trigueirinho

A Morada dos Elísios

Uma aventura esotérica



Editora Pensamento

São Paulo

Copyright © 1992 José Trigueirinho Netto.

Primeira Edição: 1996

Os recursos gerados pelos direitos
autorais de todos os livros de Trigueirinho
são revertidos na manutenção de centros espirituais
que não se vinculam a instituições, organizações,
seitas ou entidades de qualquer tipo.

Edição Ano

2-3-4-5-6-7-8-9 96-97-98-99

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - CEP 04270-000 - São Paulo, SP - Brasil

Fone: 272-1399

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Sumário

PREFÁCIO 7

PERSONAGENS PRINCIPAIS 9

ABERTURA

Guerreiros **11**

LIVRO 1

Saikuma **21**

LIVRO 2

Zernog **49**

LIVRO 3

Bardo **73**

EPÍLOGO

A Morada **89**

Prefácio

FOI EM 1992 que pela primeira vez recebemos o impulso para escrever este livro. Contatavamos uma energia com características próprias e bem diversas da que se havia expresso em tudo até então publicado por nosso intermédio.

Tomávamos notas, estávamos diante de um mundo novo que se descortinava entre as imagens simbólicas que nos eram transmitidas por vias subjetivas. De repente esse fluxo interrompeu-se e outros livros nasceram, inclusive um amplo glossário esotérico com informações necessárias para estes tempos.

Passados três anos, o relógio da vida indicou ser o momento de retomarmos o fio de *A Morada dos Elísios* e com ele tecer as histórias aqui narradas. Do vasto material colhido na primeira fase nenhuma linha foi utilizada, mas se-

guiu-se o impulso original. O texto renasceu mais condensado e sintético, e para dar-lhe esta forma obedecemos sem receios ao que interiormente nos ia sendo indicado.

O que é narrado nestas histórias é realidade vivida por muitos hoje, em diferentes graus. As explosões nucleares, a poluição ambiental e todos os demais desequilíbrios da atual civilização — que deixam marcas profundas não só no já dilacerado corpo físico do planeta, mas também em seus corpos sutis — são aqui suplantados pelos clarões sublimes que se sucedem ao silêncio.

Embrenhar-se numa floresta — sobretudo na que é a vida humana terrestre quase sempre estremecida por forças contrárias à evolução — exige que se busque a Verdade com decisão e coragem, e a tarefa apresentada às personagens deste livro é trilhar o Caminho Direto ao seu encalço. Divagações, distrações e paradas para descanso podem custar caro nessa aventura, embora a Verdade, legado da humanidade inteira, seja mais cedo ou mais tarde encontrada por todos.

Personagens principais

Adit
Consciência que trabalha no resgate dos seres.

Bardo
Elementos terrestres presentes nos corpos e na personalidade dos seres humanos.

Eremita
Consciência amadurecida e desperta para a realidade intemporal.

Floresta
Diferentes aspectos da vida humana na Terra.

Guerreiros
Energias cósmicas que auxiliam a Terra.

Instrutor
Manifestação do eu superior.

Irmãos
Seres de mundos mais evoluídos.

Lenhador e família
Seres inocentes e puros de coração.

Montanha
Consciência profunda do ser; civilização suprafísica.

PÁSSAROS
Diferentes graus de manifestação de Entidades supra-humanas. Mensageiros de mundos transcendentes.

Saikuma
Aspecto feminino do ser.

Senhor de todos os senhores
Consciência intergalática.

Vach-Naitun, o Guerreiro Maior
Comando da operação resgate da vida na Terra.

Zernog
Aspecto masculino do ser.

Abertura

Guerreiros

É NOITE na Terra. Na calada da escuridão, uma Montanha emerge no mundo dos homens. Ninguém sabe exatamente onde ela fica mas, segundo as lendas, está em toda parte. Dela desprendem-se luzes misteriosas e benignas. A maioria da civilização, adormecida, não vê o que se passa no céu. Assim, não as nota, ainda mais por elas não fazerem rumor.

Essas luzes são guerreiros antigos, de movimentos ágeis e têmpera inalterável, guerreiros da paz que penetram a escuridão e desvelam segredos. Com fulgor desconhecido na Terra, alcançam o interior dos que dormem. Silenciosos, cruzam o céu indicando a trilha da Montanha. Etapa por etapa, espargem sobre o planeta a harmonia das profundezas siderais. Atravessam as dimensões do espaço, trazendo do alto aromas sublimes e levando consigo vibrações dissonantes para serem transformadas.

Um fio os une à sagrada Montanha e, onde

quer que vão, ali se faz presente o que há oculto no misterioso cume. Mas na Terra a noite prossegue. Imersos num sono sem paz, os homens vagueiam de sonho em sonho, esquecidos da realidade, embora o pio de uma ave ecoe ao longe, lembrando-lhes algo, no fundo da escuridão.

Em seu rastro sutil, os guerreiros deixam marcas do imenso poder da ação silenciosa. Começam a despertar o fogo imaterial no âmago dos que vivem a sofrida experiência terrena. Ajudam-nos a sintonizar com a Luz das luzes e a voltar-se para a eternidade.

* * *

O tempo passa veloz, embora para os homens nada pareça acontecer. A atmosfera que os cerca continua densa. Quase todos permanecem imersos na indolência milenar. O torpor imiscui-se até mesmo nas ações benfazejas, anulando-as, tornando as vidas inúteis. Poucos são os frutos que despontam, mas as luzes viageiras não interrompem seu labor.

Num ou noutro momento, alguém mais intrépido vence a dormência, ergue os olhos e as

encontra. Assim vai conhecendo os segredos da Montanha, vai compreendendo que os guerreiros são os mesmos visitantes chegados aqui antes da longa noite dos tempos. Fica sabendo, contudo, que agora não estão isolados nos cumes das cordilheiras ou irreconhecíveis nas planícies ermas onde a natureza é pura, mas espargem-se por todos os rincões.

As luzes deslizam. Parecem nada fazer, mas à sua passagem o medo vai desaparecendo dos seres. O que tocam se transfigura. A tendência à discórdia, natural na obscuridade, dá lugar à integração fraterna, como se a sabedoria começasse a permear a pequena mente dos homens.

Sucedem-se os ciclos e difundem-se notícias sobre a revoada dos guerreiros-luzes, até que chega o momento em que de modo geral não são mais estranhados. E mesmo as crianças, como se nascessem sabendo que esses irmãos existem e têm uma missão, passam a inquirir sobre os mistérios que eles trazem consigo.

O olhar dos guerreiros penetra agudo o interior de cada ser. Dele emana amor inesgotável, jamais conhecido na civilização terrestre. Não

usam palavras, e de modo sobrenatural assinalam os que devem segui-los. Seus contatos com os homens transcorrem com grande harmonia. Sua pureza desfaz os antigos rumores de que trariam animosidade ou pânico. O pio da ave noturna ressoa cada vez mais próximo. Os guerreiros aceleram o labor. Já são tantos, que não é possível contá-los.

* * *

Um sinal corta o espaço e penetra a órbita da Terra. Firmes, os guerreiros ascendem pela trilha da Montanha, cujo pico parece tocar um céu rarefeito.

O alvorecer está próximo.

As luzes intensificam sua irradiação, antecipando o fim da noite. Jamais conheceram cansaço, jamais recuaram, mas agora seus raios ganham viveza extraordinária. Mergulham nas camadas da Terra, traspassam o horizonte e continuam a desvelar segredos. Nos seus reflexos fulgura a sabedoria prometida aos homens, e muitos começam a descobrir que os guerreiros conhecem não só o seu destino, mas também o dos mundos.

Nenhum ato é precipitado ou retardado. Todos os passos são dados com precisão, e os guerreiros chegam ao cume da Montanha. Uma ave daquelas alturas sobrevoa-o silenciosa. Os guerreiros saúdam-na. Ao longe, o Sol resplendoroso começa a se erguer. E a tarefa prossegue.

* * *

Anuncia-se o dia, embora a penumbra continue a cobrir a face da Terra. Os guerreiros, sempre presentes, voltam a revelar caminhos. Seriam eles o esteio da vida na Terra? Estaria neles o poder de conduzi-la de tal forma que não perca seu frágil equilíbrio no espaço cósmico? Lá embaixo ainda são tantas as explosões, tantos os rios de sangue, tantas as torturas! Por toda parte há homens caídos, enquanto outros perambulam indiferentes.

Todavia, no mistério do eterno presente todas as coisas acontecem simultâneas: fábricas produzem armas, corpos e almas são destroçados e a natureza perde seus ritmos ao mesmo tempo que a consciência de alguns homens se alinha com uma consciência maior.

Miríades de luzes revoam sobre todos, igualmente. Iluminam das alturas tanto os campos frutíferos quanto vigiam as perigosas usinas nucleares. Não há partícula por elas esquecida, não há palmo de terra que não receba seus fachos curadores.

Na agonia do fim de um ciclo, o planeta inteiro torna-se um mar de sangue, de lama e de gritos. Poucos percebem a aurora saudada pelos guerreiros.

* * *

É tempo do grande resgate. Aquele Que Tudo Rege ergue a mão. Os guerreiros-luzes mergulham nos abismos terrestres e retiram dali os seres assinalados. A claridade que emitem dá a cada um vislumbres do caminho. Os seres tentam erguer-se. Avançam inseguros. Eles próprios desconhecem o rumo a tomar, mas são movidos ao encontro de algo previsto.

Um umbral se delineia à sua frente e eles se detêm, indecisos. O pio da ave penetra a sua essência. No espaço imutável, os guerreiros os observam. Os seres terrestres sabem que devem seguir e, finalmente, traspassam o umbral do mun-

do dos homens. Descobrem então que há experiências que só certas facetas de sua consciência podem fazer, e assim compreendem o porquê de terem inúmeros aspectos, cada qual vivendo uma história própria. Saikuma, Zernog e Bardo representam aspectos de um mesmo ser e seus nomes ressoam na sua essência indivisa com igual intensidade. Uma síntese final há de consumar-se. Mas só os guerreiros podem realizá-la.

* * *

Na transição para o dia aumenta a tensão no mundo dos homens. Enquanto isso, na Montanha, onde a paz não se interrompe, luzes do céu encontram-se com as da Terra interior. Formam uma rede que brilha permanentemente no espaço etérico. Muitos a vêem e não temem. Em seus fios circula a harmonia, um dos mais misteriosos poderes para os homens da Terra. E um tesouro que lhes pertence, mas para tê-lo junto de si precisam elevar-se, ir além de sua natureza.

Com a harmonia os guerreiros constroem a unidade em todos os rincões. Seguem as trilhas do espaço interior com maior beleza, alinham-se

com mundos distantes, com outras Criações. Deslocam-se suavemente pelo espaço físico e dissipam as nuvens do caos.

Um tremor mais forte sacode o torpor dos homens e das coisas. Longo silêncio. A aurora paira sobre a civilização. Surge então um clarão novo, que reúne todo o esplendor, a mais plena expressão da luz após a turbidez da noite. Clarão reconhecido pelos guerreiros, vem do interior da parte da humanidade que despertou. Alguns desses homens se dirigem para estrelas longínquas, outros ficam na Terra e aspiram à vida divina mais conscientes do valor da humildade. Agora clamam por ela não só no tempo de angústia, e a vontade de encontrá-la é alento de toda a existência.

Livro 1

Saikuma

CC1 *1* STÁS preparada?" Como um raio, **J**—/ essas palavras percorrem Saikuma. Não são sons audíveis, mas uma compreensão inequívoca do que lhe é transmitido interiormente por Adit, que colabora na transformação da Terra. Um amor terno e silencioso preenche Saikuma, traz ânimo e vigor ao seu corpo cansado.

"Avança e não te descuides", continua Adit. "Mas esquece o que aprendeste. Ante ti o tempo se desfaz."

Saikuma levanta os olhos e contempla a alta Montanha das luzes deslizantes: é horizonte longínquo, há extenso e árduo caminho pela frente, e ela está sozinha. "Dolorosa aparência, essa solidão", diz em ânimo de quem não se engana. Está decidida a prosseguir, e para isso conta com a proteção de Vach-Naitun, o Guerreiro Maior, que assumiu a tarefa de resgatar o mundo dos homens. Saikuma sabe, no seu interior, que tal Consciência está polarizada na Terra de modo

muito especial por ordem do Senhor de Todos os Senhores.

Como se buscasse forças para reiniciar a jornada, Saikuma respira fundo e lentamente. Olha em torno como se fosse a última vez que veria aquele mundo e retoma a marcha. Uma claridade diáfana, incomum, surge no alto da Montanha e esvaece em seguida. Saikuma não a percebe, mas essa manifestação foi uma resposta à sua súplica oculta.

* * *

Com o adensamento da floresta por onde caminhava, Saikuma não mais consegue avistar a Montanha; porém, não deixa enfraquecer sua decisão de avançar. Está entardecendo, e ela tem intenção de transpor a espessa vegetação antes que escureça. Mas a trilha começa a estreitar-se...

"Fui imprudente", diz Saikuma para si mesma. "O desejo de alcançar a Montanha levou-me a tomar decisão precipitada. Deveria ter aguardado passar a noite para entrar na mata só ao amanhecer. Agora, o melhor é deter-me aqui e esperar o dia nascer para seguir viagem."

Céu nublado, sem lua, com poucas estrelas. Em meio à vegetação, a escuridão é quase total. Saikuma acende fogo baixo e permanece em vigília. Abriga-se sob uma árvore, à margem da trilha. Quer manter-se desperta, pois receia a aproximação de algum animal. Nenhuma luz é avistada no firmamento, nem sequer as viageiras.

De quando em quando ouve rumores na mata. A noite parece-lhe interminável... Saikuma realimenta a pequena fogueira — quase só brasas agora — e aproxima-se do calor. O tom rubro da madeira ao ser consumida pelo fogo evoca-lhe um sorriso; ela vê ali um reflexo do que ocorre consigo. Também em seu coração arde um fogo que pouco a pouco a vai consumindo. É uma chama de amor pelo Infinito em que Saikuma se quer fundir.

Quantos na Terra teriam essa mesma aspiração? Duas lágrimas brotam de seus olhos, rolam por sua face e misturam-se ao leve sorriso. “Sinto dor por não poder amar mais plenamente do que amo e, quanto mais essa dor persiste, com mais vigor o Amor ama em mim...” Com o lento passar das horas e com a terna onda de

amor em que Saikuma está envolta, o medo vai-se dissolvendo e a mente vai-se tornando serena.

As luzes guerreiras tudo acompanham e tudo sabem. Apesar de invisíveis, estão ali presentes. Um aroma suave de gerânio inunda os arredores, e Saikuma escuta dentro de si: "A Morada dos eleitos te aguarda. Terás provas a vencer antes de entrar pelos seus portais, mas lembra-te: sempre haverá ajuda. Não te deixes iludir por aparências".

Segue-se silêncio profundo. Solidão? Sim, dolorosa, mas apenas aparente, isso Saikuma percebe. Em sua vida ela abandonara tudo para seguir as indicações que internamente vinha recebendo. Havia bastante tempo estava sendo preparada, e tinha passado por purificações intensas. Agora se dirige para a Montanha, a montanha sagrada — assim Saikuma a denomina —, lugar praticamente virgem, distante do mundo civilizado, conhecido só de alguns pelos fatos sobrenaturais que ali ocorrem.

Saikuma sente um pouco de frio e cobre-se com um manto que encontrara por perto. Um vento forte começa a soprar: açoita a copa das árvores, acompanhado de raios e trovões. Sobre-

vém um temporal típico das regiões quentes da Terra.

Saikuma, num gesto que lhe é característico, encolhe o corpo para proteger-se, deita a cabeça sobre os joelhos e ora.

* * *

A viajante caminhara longa extensão, ultrapassara a faixa mais densa da floresta. A Montanha, agora mais próxima, mostra com detalhes os seus contornos. Saikuma segue seu trajeto com cuidado. Amadurecera bastante naqueles dias de viagem, parecem ter-se passado anos. Percebe com fé inquebrantável estar sendo invisivelmente acompanhada. A decisão perseverante de chegar à meta que lhe foi indicada traz-lhe alegria interior jamais encontrada até então. Muitas coisas começa a conhecer, dentro e fora de si. Está sendo instruída em certos mistérios da existência, e a obediência ao que provém do seu interior propicia-lhe avanços rápidos.

Há momentos em que sua consciência penetra dimensões sutis, sem todavia perder a noção do mundo físico onde se encontra. Intuitivamen-

te Saikuma sabe que isso é parte do preparo para entrar em outros estados de consciência, mais profundos, para conhecer civilizações mais avançadas nesta Terra e além. Saikuma está aprendendo a relacionar-se diretamente com as luzes viageiras, que de maneira especial lhe transmitem algo de sua sabedoria enquanto percorrem o céu. Elas são luzes do espaço extraplanetário, conforme Adit lhe havia esclarecido certa vez.

* * *

Um círculo invisível fixa o limite máximo para se acercar da Montanha. Sol a pino, Saikuma aproxima-se da área protegida. Esse limite vale para os seres humanos em geral, mas há quem o traspasse facilmente. Dos que o fizeram, nenhum jamais retornou para narrar o que encontrara. Eram dados por mortos e comentava-se que teriam sido devorados por homens ou animais selvagens. Mas terá sido esse realmente o seu destino?

Uma nuvem encobre o Sol e projeta sua sombra sobre o caminho de Saikuma. Não é nuvem comum, oculta algo em si, isso é certo. Sai-

kuma respira aliviada, porque a sombra era especialmente restauradora. “Tens sido companheiro fiel”, diz ela ao corpo físico em que se encontra; “estás cansado, mas sê paciente, pois logo vais repousar um pouco”.

Como se surgisse do nada, uma ave branca pousa no galho mais alto de uma árvore próxima. Agora a nuvem já não está ali e só a ave existe. São momentos intensos. A ave olha para Saikuma como se a conhecesse. Fita o Sol, dá um pio, que ecoa fundo na viajante, e voa. Mais à frente, pousa e olha de novo para Saikuma. Dá outro pio profundo. Subitamente desaparece no meio da vegetação. “Estou sendo testada”, diz Saikuma para si mesma, interrompendo a caminhada. Fica em silêncio, busca interiorizar-se. “Que quererá tudo isso dizer-me?”

* * *

Uma brisa morna sopra a noroeste. Saikuma permanece sob a árvore onde o majestoso pássaro branco pousara. Não ousa avançar sem descobrir o significado da inesperada aparição. A viajante, que parecia ter-se equilibrado entre a

prudência e a ousadia — como fazem os bons trapezistas —, está agora insegura. Via quão frágil é a natureza humana, pois uma parte de seu ser se sente de novo só e desamparada mesmo após tantos obstáculos transpostos e tantos contatos com as luzes fraternas. "Preciso aprender a descobrir as coisas por mim mesma, por intuição, sem demandar a atenção de consciências tão sublimes. Certamente este é um aprendizado que devo fazer."

Magnífica é a vibração da Montanha, cada vez mais próxima. "Nem parece estar na Terra", pensa Saikuma. "Como pode haver recôndito como este, nunca tocado pelo ser humano, que já vasculhou por toda parte? Sem dúvida é um lugar sagrado, um santuário como os descritos nas lendas."

Nesse momento uma luz cruza o horizonte e desaparece. Saikuma coloca a mão esquerda sobre o lado direito do peito e ergue a direita em saudação. Pronuncia uma frase ritmicamente, várias vezes. É uma invocação que aprendera durante uns segundos de sono, uma maneira reverente de saudar as luzes. "Uru Mauak Sikiuk, Uru Mauak Sikiuk", repete.

Outra luz viageira surge, e novamente a saudação é feita. Instantaneamente a luz pára no espaço, aumenta e diminui, como se conversasse com Saikuma. Uma onda de amor puro transborda do seu ser. Saikuma ergue as duas mãos, e algumas lágrimas escapam-lhe dos olhos — nunca antes havia sentido aquilo, naquela intensidade. A luz se expande, em seguida diminui e por fim desaparece.

Saikuma respira fundo; suave eletricidade percorre-lhe o corpo, deixando-a leve. O tempo parece não existir. Todo o universo está contido ali, naquele sentimento profundo. "Tudo é tão simples!", exclama.

* * *

Saikuma percebe a aproximação de um ser muito sutil. Não enxerga ninguém, mas sua aura vai sendo permeada por superna energia. Um aroma suave de jasmim inunda o ar. É um instrutor que se mostra de maneira mais tangível que Adit. Sua presença é quase física, e Saikuma é preenchida por um grande sentimento de reverência. Percebe luzes a percorrer o espaço. Muitas luzes.

“Sempre esse amor infinito...”, pensa. Arrebatada por esse pensamento, é transportada ao sopé da Montanha. Porém, para cruzar o portal que conduz ao interior dela, teria de percorrer uma trilha de fogo.

“Não temas, estamos contigo.” Era a voz do Instrutor. Saikuma compreende então um dos significados da bela ave branca. “Purificação, eu te aceito”, afirma decididamente, enquanto anda ao longo da trilha em chamas. Em consciência, cruza o portal.

* * *

Ali, no interior da Montanha, um poder sagrado tudo permeia. Ambientes e objetos emitem luz. Não há uma fonte externa de iluminação, como na superfície da Terra. A luz provém da própria matéria sublimada, e está em toda parte. Saikuma percebe que chegar a essa condição é o destino do mundo dos homens, e que isso começará a ocorrer quando as luzes viageiras concluírem a sua reconstrução.

A audaciosa viajante é levada a uma espécie de templo em que atuam seres extremamente

sutis. Deles emana imparcialidade incomum, mas não frieza. E uma neutralidade plena de compaixão. Esses seres estão em círculo e em torno deles há outro círculo, composto por seus discípulos.

Saikuma é conduzida pela mão ante a presença de uma consciência sumamente elevada. Dois seres, um de cada lado da jovem peregrina, são identificados por ela como sacerdotisas. Saikuma compreende que sem a ajuda invisível delas não poderia suportar a potente emanação energética daquela magna consciência, uma Entidade feminina.

Um facho de luz, provindo do alto, espalha-se pela sala. Aquela Que Rege fita Saikuma, seu olhar penetra os véus do Tempo e numa fração de segundo enxerga a existência inteira da viajante. Saikuma curva-se, sente-se perdoada de todos os erros do passado. "Estarei preparada?", pergunta. Ouve, então, dentro de si: "Muito caminhaste, mas muito tens a caminhar. Os que ingressam nesta senda aceitam acolher a verdade em sua pureza original. Isto demanda esforço abnegado, amor e persistência. Não desanimes ja-

mais. Terás toda a ajuda necessária, pois aceitaste cumprir a Lei Maior, que é Amor."

Saikuma levanta a cabeça e vê à sua frente um Espelho resplandecente em que desfilam imagens da vida em outras civilizações, em outros mundos, planetas e galáxias. As imagens sucedem-se vertiginosamente, mas de maneira inexplicável Saikuma percebe cada detalhe delas e recebe instruções. Em seguida, outro facho de luz provindo do alto esparge-se pela sala. Imensa é sua intensidade. Então, a consciência de Saikuma dissolve-se naquela luz.

* * *

Vinte e um dias se passaram desde que em consciência Saikuma penetrara a Montanha. A viajante permanece acampada sob a árvore onde pela primeira vez o pássaro branco pousara. Em contato mais direto com a Montanha, é instruída internamente. Sabe que, chegado o momento, receberá a indicação precisa para aproximar-se também em corpo físico daquele sagrado lugar.

O vento percorre o vale, movimenta árvores e arbustos, rodopia entre as rochas, assobia

nas gretas das escarpas. No céu claro, sopra em direção ao Sul. Também a vida que outrora estivera no Norte trasladara-se para o Sul. Isso o vento sabia e Saikuma estava sendo ajudada a perceber.

Soberano no firmamento, o Sol não está indiferente ao que se passa no mundo dos homens, a Ilha Perdida. Seus raios trazem transformação, já não são os mesmos.

Saikuma contempla em silêncio todo esse quadro, mas não forma juízo a seu respeito. Apenas o observa. No entanto, sabe por experiência direta que um mundo novo está para surgir e que no momento exato, qual uma fênix, se elevará das cinzas da civilização destruída. Lembra-se então de tantos companheiros que, como ela, receberam indicações internas para empreender essa viagem, mas não ousaram fazê-lo. Preferiram a segurança do que lhes era conhecido, temeram perder o que haviam adquirido. Uma ponta de tristeza surge no coração de Saikuma ao ver tantas oportunidades desperdiçadas.

Novamente o vento assobia entre as árvores. Saikuma suspira, e a meia voz entoa uma melodia, que para ela era também uma oração. Um

pequeno pássaro, oculto na mata, pia em contraponto; parece conhecer os sentimentos de Saikuma.

De repente, aquelas recordações se esvaecem e Saikuma sente-se elevada. Percebe-se diante do Instrutor interno numa dimensão muito semelhante ao mundo físico, porém translúcida. Ouve-o dizer: "Bem-vinda, Saikuma. Trouxe-te aqui porque há instruções que deves receber e delas o teu eu externo deve participar". Com o indicador ele toca o lado direito da cabeça de Saikuma. Uma eletricidade sutil percorre a viajante e algo acontece: ela se percebe acima do corpo e vê uma tela onde se projetam os conceitos que adquirira no decorrer dos anos, antes de empreender viagem à montanha sagrada. Seus estudos relativos ao lado oculto da vida muito a haviam ajudado, mas agora tinha chegado o momento do conhecimento direto, o momento de penetrar mais profúndamente os Mistérios.

Fala-lhe o Instrutor: "Desapega-te do que aprendeste; em outros mares deves navegar. Deixa o sopro do Espírito conduzir tua barca, pois ele conhece os rumos que ora em diante deves seguir. Tens tido experiências em mundos para-

lelos ao teu, mundos em que a luz da consciência refulge com maior liberdade. Aprendeste que não és teu corpo físico nem teu psiquismo. Viste que a comunicação com regiões distantes é possível por meio da luz da consciência. Agora escuta: não somos indivíduos isolados, como os sentidos indicam. Tudo o que existe, existe na Consciência. Nada está fora dela.

"Olha em torno", prossegue o Instrutor. "Pelo modo como tua mente funciona, tens a impressão de estar dentro de um ambiente. Mas observa com imparcialidade, não te deixes levar pelo hábito irrefletido. Inquire teus sentidos. Será mesmo esta a realidade?"

Saikuma fica desconcertada, não sabe o que responder, mas apela para a intuição. O Instrutor, vendo-a em profundidade, tem assim permissão para prosseguir o ensinamento: "Na realidade, Saikuma, não és tu que estás dentro deste ambiente, é o ambiente que está dentro da tua consciência. Não fosse assim, não poderías percebê-lo. É claro isto, não?

"Existe uma só Vida, um único Ser, uma única consciência: a Mente cósmica. Ela é a suprema existência e o mais vil dos mortais, a luz

da sabedoria e a treva da ignorância. É cada ser vivente, a vida em cada forma. E quem fala em mim e quem em ti escuta. É o maior de todos os mistérios e a mais simples das constatações. Em seu estado original, essa Mente cósmica é impenetrável ao pequeno eu; em seu aspecto criador, porém, mostra-se em todas as coisas, em todas as criaturas, em todos os universos.

"O que chamas tua alma é uma projeção da Mente criadora. Do mesmo modo, o que chamas tua mônada ou espírito é uma projeção dessa Mente, percebida contudo em nível mais profundo. Teu pequeno eu também é projeção dessa Mente, só que esquecido de sua origem. Obscurecido por tantos pensamentos que a ele se agregaram, acredita estar à parte do universo e das outras criaturas."

Saikuma está atenta, disposta a penetrar a essência do que lhe está sendo transmitido. Para ela, o ensinamento tem de ser vivido, não pode restringir-se a informações. O Instrutor sabe disso, e prossegue: "Imagina, Saikuma, que tens na mão um pequeno espelho em que focalizas a imagem do Sol e assim pensas: 'Vejo minha almá'. Agora, imagina que tens dois espelhos, um a trans-

mitir ao outro a imagem do Sol e assim pensas: 'Vejo meu espírito e minha alma'. Imagina, ainda, vários indivíduos fazendo a mesma experiência e chegando à mesma constatação. Cada um estará diante da sua alma e do seu espírito, mas o Sol, este é o mesmo para todos".

Saikuma sorri com alegria e despojamento ao compreender quão simples e profunda é a Vida.

"Os mundos elevados em que penetraste, a superfície do planeta em que vives, as estrelas e as galáxias são imagens mentais. Expressam diferentes estados da Consciência. São pensamentos, Saikuma. Emanados da Mente universal, são percebidos por ti como formas. E também tu tanto quanto este que te fala somos, como num sonho, imagens formadas por essa Mente Única." Com essas palavras, o Instrutor vai revelando para Saikuma a possibilidade de chegar ao Conhecimento diretamente.

Faz então uma pausa, para depois continuar: "Escuta ainda. O que vivenciaste nos mundos invisíveis os homens da Terra desconhecem. Porém, por elevado que seja, não te fixes nisso. Há mais por descobrir. Todos, um dia, chegam ao ponto

em que ora te encontras. Muitos já o ultrapassaram e penetram mistérios mais vastos. E há os que chegam à Morada... a Morada dos Elísios".

"Os Elísios...", ressoa no interior de Saikuma. Esses dizeres têm sobre ela um mágico poder. "A Morada dos Elísios..." Saikuma percebe aí o destino de todos, o que o Instrutor lhe confirma: "Há algo além de tudo o que é cognoscível. Esse Algo, indescritível, não está distante dos homens nem do mundo. E a Grande Morada... Nela os universos existem, se movem e têm o seu ser".

Tendo dito isto, novamente o Instrutor toca com o indicador o lado direito da cabeça de Saikuma. A viajante sente-se esvaziada de tantos conceitos que adquirira no decorrer das vidas, esquece-se até mesmo da sua jornada à montanha sagrada.

* ^4 ^4

Dias e noites se sucedem como se o tempo não existisse. Após tão intensa experiência e tão inusitado aprendizado, Saikuma não guarda expectativa do que está por vir. A certa altura per-

cebe que é hora de prosseguir viagem. Dirige-se então para a segunda árvore onde o pássaro branco havia pousado. Sua mente está calma, seu coração, em paz.

Chegando ao local, avista algo cintilante sobre a encosta da Montanha. Observa, atenta. Aquilo continua a cintilar, parece um círculo metálico. Sua tonalidade muda, aumenta de intensidade. Depois, o objeto desaparece. “Para lá devo ir”, Saikuma constata. E avança.

Após atravessar um trecho de caminho movediço, pisa outra vez solo firme. Parece tratar-se de uma trilha remanescente no meio da floresta, parcialmente coberta pelo adensamento da vegetação. Saikuma caminha rápido, mas sua respiração não se altera. A mente está concentrada, sem ansiar por resultado. A presença subjetiva do Instrutor é tão perceptível e constante que os resquícios do sentimento de solidão se desvanecem por completo. Nesse estado ela chega ao sopé da Montanha antes do declínio do Sol, e ali prepara o pequeno acampamento para pernoite.

Ver aquela Montanha tão de perto, ainda que o seu lado externo, é uma experiência desafiadora. Como podem os diferentes mundos se

interpenetrar e desenvolver paralelamente? Como pode o Real alojar-se no irreal? Essas interrogações pedem a potência sobre-humana do silêncio. Só o silêncio é capaz de responder a elas. Saikuma descobrira que no silêncio há grande vitalidade e também que a luz das estrelas distantes é reveladora, luz que é preciso contatar.

A noite chega calma, uma leve brisa sopra morna, a noroeste. Mas para Saikuma essa calma é só aparente, ela não consegue adormecer. Uma excitação estranha a importuna, torna seus membros dormentes, quase doloridos. Pensamentos salteiam entre lembranças e imaginações. Pouco a pouco, sem que ela perceba, essas construções imaginativas vão assumindo caráter libidinoso, ao que Saikuma, mesmo sem querer, aquiesce. Sente-se então na companhia de um ente que lhe acaricia o corpo e busca tomá-la. Entre sono e vigília, sem distinguir bem onde está, Saikuma entrega uma parte sua a esses afagos, enquanto a outra observa impassível a situação. E como se de repente sua energia decaísse e uma força magnética, de qualidade telúrica, fosse ativada. Saikuma nunca sentira tamanha potência atrativa dessas forças básicas. Tão forte é o empuxo que

o magnetismo despertado lhe impinge, que chega a experimentar pequenas convulsões. Mas logo o ente invisível vai embora, deixando o corpo suado de Saikuma em estado de exaltação.

A brisa morna continua a soprar, e agora a Lua clareia levemente a paisagem. No interior da pequena tenda, Saikuma observa seu corpo prostrado. Quer compreender o que se passara, mas não encontra elementos. Teria sido um sonho? Mas parece real. Teria sido realidade? Mas parece sonho...

Saikuma decide permanecer desperta o resto da noite, receando outra aproximação. Acende uma pequena fogueira e fica vigilante. As chamas surgem como que do nada, bruxuleiam e voltam a desaparecer. A lenha, ainda verde, range ao ser queimada, estala e assobia. Mas pouco a pouco o fogo vence-lhe a resistência. Saikuma reflete sobre o ocorrido, mas não descobre significados. Sente-se dividida, temerosa, quer ajuda mas não alcança a sintonia com o Instrutor.

Chegara o momento de Saikuma consumar em si certo equilíbrio. De outro modo não conseguirá voltar ao interior da montanha sagrada, nem deixar que seus corpos sejam permeados por ener-

gias supra-humanas. Há tempos compreendera que a função do sexo é tão-somente procriativa e que tudo o mais que lhe foi acrescentado se deve às ilusões da humanidade e resulta no desvio de instintos naturais. Contudo, pólos existem dentro do ser e não apenas em sua estrutura orgânica e fisiológica. E é a fusão desses pólos em seu interior que Saikuma deve realizar. Esse é um dos mais difíceis trechos da "floresta".

Uma rajada de vento recurva a copa dos coqueiros no sopé da Montanha, mas eles se esgueiram com habilidade. Saikuma respira fundo e novamente procura sintonizar com o Instrutor. Agora um aroma suave de jasmim se faz perceber. Saikuma recebe a instrução, que sua mente traduz: "Esta noite estiveste diante de uma prova com múltiplos aspectos. Não a venceste, porém dela podes extrair aprendizado. Estás vivenciando o processo ascensional em ritmo intenso, próprio de épocas de transição como esta em que a Terra atualmente se encontra. Quando é assim, as energias no ser são potencializadas ao extremo e um desvio pequeno traz grandes repercussões. Saikuma, deixaste que tua mente vagasse por estados primários da consciência humana. Como sa-

bes, os desejos, os sentimentos e as percepções não pertencem a um indivíduo só, mas a toda a humanidade. E o pensamento do eu que faz com que essas impressões assumam caráter particular. O ente que imaginavas estar te atormentando é uma forma artificial gerada pelos desejos subconscientes da raça humana. O confronto com essas forças era inevitável, mas poderías não ter sucumbido a elas, já que compreendes a verdadeira função da energia criativa. Não mais pertences à massa dos homens, inconsciente. Foste tocada pela luz, mas até que sejas totalmente absorvida nessa luz e chegues ao portal da Morada, teu arbítrio poderá levar-te a descaminhos. Aprende a lição. Tua vontade purificada deve ser soberana sobre teus corpos e sobre tua mente. Conduz-te com firmeza, ó guerreira".

Esses dizeres calam fundo no coração de Saikuma, que então vê diante de si um espelho, e nele refletida a figura de um ser masculino já amadurecido. "Saikuma, Saikuma, onde estás?", clama Zernog, a figura no espelho. Em seguida, a imagem se esvaece e o Instrutor prossegue: "Com o auxílio interior que estás recebendo, poderás consumar em ti a união dos pólos. Isto sig-

nifica maior expansão de teu ser a outros universos e maiores possibilidades de servir ao mundo. A escolha é tua. A força sexual é uma força mágica. Quando submetida ao seu empuxo, a consciência se identifica com a forma, com a aparência. Iludida pelos sentidos, inebriada pelas sensações, perde o contato com a realidade mais profunda e atrofia sua capacidade de amar verdadeiramente. Observa o estado a que chegou tua civilização. Decide-te".

Após alguns instantes, acrescenta: "Sabes onde e como encontrar-me". E desaparece da visão de Saikuma.

A viajante encolhe o corpo, deita a cabeça sobre os joelhos e chora.

* * *

Um bando de símios movimenta-se ao largo, mas seus gritos dissolvem-se no silêncio como se jamais houvessem existido. O silêncio permanece intacto, os ruídos nem mesmo roçam sua superfície.

Passam-se dias. Deitada no chão da flores-

ta, Saikuma vivência forte crise. Cenas bizarras desfilam em sua mente, os pensamentos parecem zombar de tudo o que ela experienciara em sua busca. Instigam dúvida, trazem torpor ao corpos. “Onde está a força que eu tinha para vencer barreiras? Onde está a ajuda que antes recebia dos Irmãos?”, fala consigo Saikuma.

No céu, nuvens formam desenhos, mas estes se desfazem para dar nascimento a outras formas ou simplesmente para se dissolver na profundeza do espaço. A existência parece transcorrer indiferente aos sentimentos de Saikuma. Também as luzes deslizantes foram-se de sua visão.

O vento entremeia-se à mata, sibila nos troncos ocos pelo caminho. Pequenas aves festivamente sobrevoam a área. Uma vespa pousa no braço de Saikuma, parece sorver o suor que lhe unta a pele. Saikuma a observa. Naquele diminuto inseto não há nenhuma expectativa, nenhuma cobrança. Ele simplesmente é o que deve ser — nada mais. A viajante compreende que precisa aprender a caminhar por si própria e ser capaz de ajudar outros a caminharem. Benditos momentos difíceis, que são parte de sua instrução. Em contato com os impulsos mais vis, consciente

deles, dispõe-se a transformá-los e a liberar a luz aprisionada em seus corpos materiais.

Após breve trégua, os embates recomeçam. E quando pareciam insuportáveis, algo acontece dentro de Saikuma. De modo inesperado, rápido como a chegada de uma intuição, forma-se em seu ser uma síntese perfeita de toda a sua experiência positiva, em todas as vidas que tivera, e esse aglomerado de energias salvíficas a tudo transforma.

Saikuma levanta-se. Não sabe o que aconteceu, mas já não é a mesma. Sente em seu interior a presença da Irmandade, porém de maneira una, sem personalizações. Sente-se unificada em seu ser. O Sol sai de trás das nuvens, aquece-lhe o corpo enfraquecido. Saikuma o saúda. Olha para o Sol, olha para a tenda onde estivera sonhando e caminha em direção à Montanha. Desta vez, nada leva consigo.

À medida que caminha, penetra na luz provinda do interior da Montanha. Seu corpo é transmutado, dissolve-se em éteres. Saikuma descobre-se pensamento, sua consciência vislumbra a Consciência.

Agora sabe: o universo é seu ser.

Livro 2

Zernog

íí aikuma, Saikuma, onde estás?”, k3 clama Zernog, sem mesmo perceber esse seu clamor tão interno.

Faz frio, há vários dias chove sem cessar. O céu, densamente encoberto, não promete tréguas. O vento sopra, constante, agudo. Não se pode avistar o horizonte. Nessas condições, é pouco prudente prosseguir jornada. Resta esperar. Improvisa-se um abrigo próximo às rochas, acende-se fogo para aquecer água a cozinhar algumas raízes colhidas em torno.

Adultos lamuriam, crianças choram. Além do frio, há fome, medo e insegurança. “Falam demais essas criaturas”, pensa Zernog. “Mas por que me deixei levar pelo convite? Como solucionar esta situação?”

Pessoas de várias localidades haviam organizado um passeio: bebidas, glutonarias, música, dança e prazer! Muita expectativa, muita prepara-

ção. O lugar escolhido é distante e pouco conhecido, mas situa-se a ponto médio entre as localidades.

No dia marcado para a festa a caravana parte, mas antes de chegar ao destino é açoitada por uma tempestade com furor nunca visto. Um vento impetuoso levanta nuvens imensas de poeira e a caravana se dispersa. Alguns conseguem encontrar o caminho de volta às suas aldeias, mas o grupo a que Zernog se ligara não sabe onde está nem aonde deve ir.

Zernog caminha silencioso entre as pessoas. "Poucos feridos, graças a Deus, mas quanta loucura! Pensam apenas em si, esses indivíduos! E preciso ajudá-los." Há algum tempo Zernog não se interessa em levar a vida como faz a maioria das pessoas, mas aquiescera ao convite para aquela festa.

Uma rajada de vento gela-lhe o corpo. Zernog esfrega as mãos nas roupas molhadas e abriga-se sob uma rocha inclinada. Apesar de tudo, adormece. E sonha. Sonha que está dormindo sob aquela mesma rocha, sonha que desperta e penetra num túnel cuja entrada se oculta na vegetação que se estende ao lado. A medida que

avança pelo túnel, vai-se sentindo mais forte. Avista uma luz aó longe, sente-se preenchido de paz e de serenidade. Escuta chamarem-no pelo nome e vê alguns seres, próximos à luz. “São diáfanos...”, pensa Zernog no sonho. Não compreende o que se passa, mas continua avançando pelo túnel. De repente é tocado por um amor amplo, totalmente novo para ele. Sente aromas sutis e alegria profunda. A luz aumenta de intensidade e a experiência se esvaece.

Zernog desperta, então, sob a rocha inclinada. Olha as pessoas em torno, escuta a lamúria de sempre. Mas não é mais o mesmo.

* * *

Após três dias de muita chuva e frio, finalmente o Sol volta a brilhar. Pouco a pouco o horizonte faz-se visível e as lamentações dos vizinhos de Zernog transformam-se em exaltação. Propõem-se diferentes caminhos, soluções várias para achar a trilha de retorno a casa.

Desmontam o acampamento improvisado e com muita gesticulação preparam-se para a viagem. Para facilitar o trabalho elegem um chefe e

um subchefe; todos devem cumprir suas determinações e assim esperam que se estabeleça alguma ordem.

Feito isso, lentamente vão descendo a encosta rochosa onde se haviam abrigado da chuva. O Sol está a meia altura e já aquece os corpos úmidos dos viajantes. Estes seguem felizes, ressurge neles a esperança. Alguns entoam cantigas, sonham retomar a vida pacata de suas aldeias.

Devido à distância cada vez maior e ao calor que sobe do solo, a pequena caravana vai sendo absorvida no horizonte. Zernog, que se ocultara atrás das pedras no momento da partida, acompanha-os com o olhar até desaparecerem por completo. "Seguirei outro caminho", afirma. Desde que tivera o sonho com o túnel e os seres diáfanos, sentira que deveria passar por uma transformação radical. De algum modo haveria de reencontrar aquela luz e sabia que o retorno ao seu antigo ambiente dissolvería o impulso recebido. "A luz... Quanto amor naquela luz!...", repete Zernog. Ele está determinado a ir ao seu encalço, mas não sabe como fazer. "Por onde começar?", pergunta-se.

De repente vem-lhe a idéia de deitar-se sob a mesma rocha que fora o palco daquela experiência. Uma brisa morna acaricia-lhe o rosto. Zernog esfrega as mãos nas roupas ressequidas e abriga-se sob a rocha inclinada. Adormece.

O Sol se põe quando Zernog se levanta. No rosto umedecido pelo suor, a poeira colhida do contato com o chão compõe desenhos, logo desfeitos pelas mãos inchadas de Zernog. Havia tido um sono pesado, nenhum sonho, nenhuma luz. "Não vou desistir", diz em voz alta e com certa impaciência, "não vou desistir".

Tem fome. Levanta-se rapidamente para aproveitar a claridade que já se extingue. E nesse ritual, entre sono e alimento, passam-se mais de vinte dias.

Zernog persevera. A lembrança da experiência continua vivida em seu ser. Sim, Zernog busca a luz, mas como encontrá-la?

* * *

Por fim, o dedicado buscador resolve abandonar aquela disciplina e sair à procura de al-

guém que pudesse instruí-lo. “Como contatar a luz?”, pergunta-se enquanto percorre as estreitas vias entre as rochas. “Alguém deve ser capaz de ensinar-me...”

Céu nublado, temperatura amena, sem sinais de chuva. Tempo propício para caminhadas. Apesar de não ter conseguido nova experiência com a luz, com o passar dos dias Zernog vai-se transformando. Sem que perceba, aquela persistência na busca vai fortalecendo os aspectos positivos do seu ser. O brilho de seu olhar vai mudando, seus movimentos e seu tom de voz pouco a pouco se tornam mais harmoniosos, ele vai aprendendo a amar o silêncio e a solidão.

Após três dias e três noites, depara com uma estrada, certamente construída por mãos humanas. Suspira... “Deve haver civilização por perto. Para onde dirigir-me?” Olha as duas direções e não quer errar na escolha. Resolve acampar ali, esperando que lhe seja mostrado o rumo a tomar.

Aguarda algum sinal, mas nada de extraordinário acontece. Zernog não é muito intuitivo. Passa-se a noite, e nada... Quando o Sol já está alto, porém, vê surgir uma jovem com uma crian-

ça. Caminham alegres e não se assustam com as roupas sujas de Zernog.

"Perdoai-me, mas preciso da vossa ajuda", fala-lhes o peregrino em tom amigável. "Por acaso conheceis na região alguém que possa esclarecer-me sobre algo misterioso que aconteceu comigo? Alguém muito sábio...?"

Antes mesmo que termine a frase, a jovem aponta-lhe o rumo da direita e fala: "Depois da curva avistarás uma pequena colina. Chegando lá, segue a trilha da direita até uma árvore grande, sempre florida. Ali deves aguardar. Se quiser receber-te, o eremita te enviará um mensageiro. Estamos saindo de lá agora, vamos todas as semanas levar-lhe frutas e pão que nossos pais lhe preparam. E um homem de poder, nunca ouvi falar de outro que tenha mais sabedoria. Mas se não receberes nenhum sinal, espera um pouco, sê paciente, pois ele é muito ocupado. As vezes demora para responder".

Dito isto, a jovem toma a criança pela mão e segue caminho. Só mais adiante se volta para Zernog e lhe acena em despedida.

Zernog responde também com um aceno e

põe-se em marcha. Alcança a colina, toma a trilha da direita, encontra a árvore florida e espera.

* * *

Sucedem-se os dias e as noites, completam-se três semanas. Sob a árvore sempre florida, Zernog aguarda um sinal. Todavia, nenhuma indicação recebe. Zernog espera. De repente, constata que a jovem e o menino não tinham passado por ali durante esse período para trazer o alimento ao eremita. “Mas ela afirmou que vinha semanalmente... Ou algo inesperado impossibilitou sua vinda, ou ela mentiu. Não, não era mentira; sei que não era mentira.”

Zernog se levanta e torna a se agachar, agora voltado para o poente. “Não, não era mentira... Continuarei esperando. Se não encontro o caminho para chegar àquela luz, prefiro morrer. Sem ela, não faz sentido permanecer neste mundo.”

Dito isso, um calor terno toma o peito de Zernog, e ele escuta dentro da cabeça uma voz: “Vem, eu te indicarei o caminho. Na verdade, a jovem e o menino que encontraste eram eu mesmo, pois me revesti daquelas formas para falar-

te. Passaste pela prova. És paciente e determinado. Agora vem, é hora”.

Então, como se surgisse do nada, uma ave branca pousa no galho mais alto da árvore sempre florida. E, assim como ocorrera com Saikuma, olha para Zernog, olha para o Sol, dá um pio profundo e voa. Mais adiante pousa novamente, olha para Zernog, pia mais uma vez e desaparece na mata. Imediatamente Zernog toma a direção que a ave indicara. Entre cipós e pedras, caminha como se conhecesse a trilha. Passo firme, coração pulsando forte. Olhos úmidos, respiração curta. A determinação corre em suas veias, nutre seu corpo. É como se um novo ser houvesse brotado do interior de Zernog e assumido o comando de suas ações. A inércia que o acompanhara até então desaparecera como por encanto.

Com agilidade incomum, Zernog escala a escarpa de pedras e atinge o arvoredo onde a ave se embrenhara. Penetrando com cuidado entre as moitas espinhosas, descobre alguns degraus escavados na rocha. “É por aqui...”, tem certeza. E sobe. Atinge um patamar já próximo ao topo da Montanha onde, ao lado de uma rocha inclinada, descobre um túnel cuja entrada se oculta na

vegetação. “O túnel! Eu sabia que ele existia...”, exclama Zernog, e penetra ali.

Como no sonho, à medida que avança no interior do túnel sente-se revigorado. Vê uma luz ao longe. Sente-se preenchido de paz e serenidade. Escuta chamarem-no pelo nome. Avista alguns seres diáfanos próximos à luz. Porém, de modo diferente do que se deu antes, Zernog agora compreende o que se passa. Tocado por um amor amplo, percebe as coisas como jamais pudera. Sente aromas sutis e alegria profunda. A luz aumenta de intensidade, e Zernog desfalece ante sua magna presença.

* * *

Quando desperta, Zernog não sabe exatamente quanto tempo se passou. Tampouco sabe onde se encontra; sua mente está vazia de pensamentos.

Abandona-se a essa quietude e serenidade há tanto almejada!... Nenhum desejo, nenhuma ansiedade. De repente, um mosquito aferroa-lhe o rosto. Num ímpeto de fúria Zernog espalma o inoportuno inseto e, por conseguinte, a si próprio.

“Hum...”, tartamudeia. Gira o corpo, fica então apoiado sobre o lado direito mas, ao levantar a cabeça, vê próxima a si uma figura sagrada: cabelos e barbas brancas, tez fina, olhos profundos. “Sê bem-vindo”, diz-lhe o ancião.

Zernog reconhece naquela figura o eremita. Tenta reconstruir o que se passara, mas não encontra elementos. Quer ter certeza de que não está sonhando. “Não, não estou sonhando... Sei que não estou sonhando”, pensa.

“Assenta-te, Zernog”, diz o eremita em tom firme e amoroso. “Não estás sonhando, no sentido em que empregas este termo. Chegaste aqui com teus próprios pés. Agora, toma este alimento. Não tenhas pressa. Eu estava te aguardando, teremos tempo para conversar.” O eremita entrega-lhe então um caldo levemente aquecido nas chamas amarelas de uma pequena fogueira armada entre as pedras. Um aroma agradável exala da delicada vasilha e se esparge no ar, e o alimento é absorvido prontamente pelo corpo ainda rústico de Zernog.

Seus olhos mostram gratidão.

* * *

Mais tarde Zernog é conduzido pelo eremita ao riacho próximo. A água é cristalina, nascida entre rochas. Ele se banha com meticulosidade, em cada coisa quer fazer o melhor. Recebe do eremita uma túnica de linho, tecida à mão, que agasalha seu corpo e lhe dá liberdade de movimentos. "Parece um sonho...", pensa o perseverante aprendiz. O eremita conhece cada pensamento de Zernog e parece conhecer também seu passado e futuro.

Os dias se sucedem numa rotina ordenada. Zernog auxilia seu instrutor cuidando da limpeza da caverna e da colheita de alimentos na mata em torno. Está feliz e a princípio nada tem a questionar. No entanto, com o passar do tempo começa a surgir-lhe uma ponta de inquietude.

O eremita passa longos períodos recolhido e atua invisivelmente nos mais diversos lugares, alguns longínquos, e em mundos paralelos enquanto seu corpo está em repouso. Para isso, algumas vezes chega a plasmar outros corpos, como fizera quando aparecera a Zernog como ?. jovem e a criança.

Certa noite, céu estrelado, sem luar, o eremita chama Zernog para próximo de si e fala:

“Há coisas que são ditas e não são compreendidas. Outras não são verbalizadas mas se tornam compreensíveis ao coração. Conheço-te profundamente. Há vidas acompanho teu progresso. Houve, porém, circunstâncias que no passado te levaram a afastar-te da disciplina e da busca da verdade. Passaste por experiências dolorosas e por outras que te proporcionaram felicidade. Contudo, percebeste como era efêmero tanto o que sofrias quanto o que desfrutavas, e pouco a pouco retomaste a senda abandonada. A inquietação que desponta em ti agora é fruto dessas experiências; não lhe dês atenção. Concentra-te no que vou dizer-te, escuta e guarda em teu coração cada palavra. Elas têm valor e poder próprios, o alento de que necessitas”. O eremita silencia-se então por um instante. O pio de uma ave soa ao longe, mas parece ter soado na alma de Zernog.

“Devo instruir-te nos segredos da existência”, prossegue o ancião. “Esse é meu trabalho contigo. O teu é acolher a verdade. Mas lembra-te: não és obrigado a aceitar o que direi, mas deves buscar dentro de ti confirmações. Para alguns esse caminho é longo e custoso. Para outros, mais ousados, é breve e retilíneo. Todos, porém,

mais cedo ou mais tarde chegam à Morada, tornam-se Elísios".

Silêncio profundo. Zernog transforma-se, sente-se outro indivíduo. As brumas que lhe encobriam a compreensão desfazem-se como por encanto, e ele percebe com clareza o que o eremita lhe transmite além das palavras. Está preenchido de devoção e reverência, e em seu ser a dúvida não mais encontra guarida.

Zernog põe-se totalmente receptivo, une-se ao eremita de coração e mente. De algum modo se coliga com os caminhos que percorrera em vidas pretéritas, e conhecimentos então adquiridos emergem em sua consciência. Percebe que o eremita não é um mortal, e tampouco um ocultista com poderes sobrenaturais. E um Venerável, como os que viajam nas luzes do cosmos, acerca dos quais ouvira falar algumas vezes.

O eremita retoma a palavra: "Atenta ao que te digo: o maior empecilho ao conhecimento é acreditar saber algo. Não tomes por realidade o que lhe diz a mente, com seus incontáveis meandros, nem o que te transmitem os sentidos. Aprende a ver a realidade como ela é. Constatarás então que tudo o que percebes, desde esta caverna

até as mais distantes estrelas, são imagens formadas em tua mente, algo semelhante ao que se passa nos sonhos. E a Mente Única revelando-se por meio de ti, que também és dela expressão".

Zernog não compreende bem o que lhe é ensinado agora, mas está disposto a compreender. "Vem comigo", diz-lhe o ancião. O dia já clareia, e eles ingressam na trilha da floresta. Caminham em silêncio, Zernog seguindo os passos do eremita. De repente, Zernog dá um grito e salta para trás: "Uma serpente!" Imperturbável, o eremita olha para ele. "Desculpe", diz-lhe Zernog, "era só um cipó recurvo. Deixei-me confundir, talvez devido à pouca claridade do amanhecer..."

O eremita nada comenta e retomam a caminhada. Atingem o topo da montanha rochosa, depois da qual se estende um vasto deserto. Entre as pedras, Zernog vê um grande escorpião. Sem dizer palavra, mostra-o ao eremita e eles se afastam. Sentam-se um pouco mais à frente e ficam quietos a contemplar o horizonte distante. De súbito, Zernog sente um aguilhão perfurar-lhe o tornozelo. Com voz trêmula e pesarosa, balbucia: "O escorpião... Fui picado!..." Impassível, o eremita volta-se para Zernog: "Não te precipites.

Vê, com atenção, o que realmente se passa". Zernog toma coragem e fita o pé: encontra nele cravado o espinho de uma planta ao lado. "Compreendes agora o que te falo sobre não crer, em princípio, no que a mente e os sentidos transmitem? O que aconteceu há pouco com o cipó e neste instante com o espinho aplica-se a todos os fatos da vida. Para perceberes a realidade precisas estar vazio de conceitos e expectativas, vazio de ti mesmo. Caso contrário, interpretarás a teu modo a impressão que recebes, relacionando-a com algo que já te é conhecido."

* * *

Chega o inverno e üma neve fina cobre a paisagem. No decorrer da sua estada com o eremita, Zernog aprendera a tecer e, assim, podia abrigar-se do frio.

O Sol ainda não havia surgido quando Zernog se põe a preparar o alimento. Trabalha com meticulosidade e afinco, procurando em cada coisa fazer o melhor. Passados alguns instantes, porém, dirige-se ao eremita: "Não consigo encontrar a colher de bambu... Estava com ela há pou-

co!...” Compassivo, o eremita lhe diz: “Lembra que a atenção determina se tomas ou não consciência do mundo em torno. Desperta, Zernog! A colher que procuras está na tua mão...”

Zernog fica desconcertado. “Quanta estupidez!...”, pensa. Mas o eremita acrescenta: “Aprende, também, a não te impressionares com o pequeno eu. Importa que caminhes, que cresças em consciência”.

Uma nesga de sol, ainda morna, penetra a caverna. Uma águia pousa na pedra à entrada. Com olhar agudo fita por um momento o estudante e depois voa. Zernog permanece em silêncio. “E chegado o momento de instruir-te em certas coisas misteriosas”, diz o ancião. “Prepara-te durante três dias com jejum. Toma apenas água pura. Na terceira noite teremos um trabalho especial.”

Dito isto, o eremita se recolhe. Parece adormecer, e do seu corpo emana uma radiação de rara beleza. Zernog percebe esse fato e com reverência o guarda no coração.

* * *

Passam-se três dias, e no decorrer deles o jejum é fielmente seguido. Zernog é obediente e dócil às instruções, e disso se orgulha. Durante esse período o eremita esteve recolhido; só no terceiro dia, algumas horas após o crepúsculo, chama o discípulo.

Sentam-se em silêncio, lado a lado. Zernog está bem-disposto e mais leve. Sua mente, mais ágil e perspicaz. Suave aroma de gerânio inunda o ambiente. De maneira especial Zernog sente-se incluído na aura daquele ser evoluído. Percebe-se acima do corpo, o eremita a seu lado, também ele sem envoltório carnal. Do eremita emana vibração sagrada, é a energia sacerdotal expressando-se. Com um gesto ele encaminha Zernog para um veículo de luz que os aguarda, em dimensão próxima ao mundo físico. Ali a percepção do espaço e do tempo difere da que se tem normalmente, mas Zernog sente-se natural.

Instruções vão sendo transmitidas sem que ninguém diga palavra — isso é feito pelo contato interior, num grau até então desconhecido do dedicado estudante. Livre do cérebro físico, Zernog descobre em si um novo ser. "Saikuma!",

exclama ele ao deparar com a energia intuitiva em seu interior.

Zernog vê a paisagem mover-se com vertiginosa velocidade. Com sua consciência já despertada, percebe o mundo à sua volta como uma sucessão de imagens projetadas na tela da mente. Compreende assim um pouco mais do que o eremita lhe havia falado tempos atrás: "O mundo externo e os sonhos são feitos da mesma substância, são imagens formadas na mente".

Zernog é conduzido então para um estado de consciência onde os seres possuem corpos diáfanos, feitos de luz. Zernog os reconhece como as personagens daquele sonho que tivera e que fora tão importante para ele.

Chega a um templo de cura, onde vê seu corpo deitado numa espécie de prancha, lisa, permeado por luzes que se sucedem numa alternância de cores imateriais. E informado de que está sendo cuidado e de que, a partir daquele momento, seus corpos responderão mais prontamente aos impulsos internos. Zernog vê que no templo há outros corpos sendo tratados. Sabe, então, que isso está acontecendo com vários seres, dos quais

alguns integrarão a Nova Terra enquanto outros serão levados para regiões mais evoluídas do cosmos. Tudo isso parece natural a Zernog, como se de alguma maneira já fosse por ele conhecido.

O eremita faz um movimento circular com a mão direita diante dos olhos de Zernog, levando-o a ver toda a paisagem e as criaturas em torno se dissolverem numa luz intensa. No interior do aprendiz, ressoa: "Tua oferta está aceita, a mutação interior se processa. Estás a caminho da tua Morada cósmica, a Morada dos Elísios".

* * *

As estações passam, uma a uma, como o girar de uma roda, revelando suas variadas peculiaridades a Zernog. Em cada coisa, por mínima que seja, ele aprende a escutar, aprende a aprender. Dedica-se às tarefas com alegria e reverência. Capta a linguagem do silêncio, e assim se comunica com os deuses e com as criaturas. Fala-lhe o vento, falam-lhe a noite e o dia. Em tudo reconhece a voz do Criador.

Move-se no mundo externo como se estivesse em um sonho; move-se nos sonhos como

se estivesse no mundo externo. Gradualmente, torna-se senhor de si. Não mais se identifica com o pequeno eu e suas circunvoluções; é como se vivesse acima do corpo, lúcido. Aprendera a escutar o que vem do mundo externo e o que vem do interno; aprendera que não há distinção entre um e outro, que todas as coisas são parte de uma consciência onímoda.

Há momentos em que o universo inteiro parece concentrar-se no âmago do seu ser. Ali descobre o portal da unidade, como se mergulhasse em um oceano pleno, silencioso e profundo. Então não mais existe Zernog, apenas aquele oceano. Contudo, misteriosamente, "algo" de Zernog está dentro das águas, é aquele oceano e Zernog o percebe.

O amor flui em cada ação, permeia a existência simples do aprendiz que, sem saber como, se vai tornando mestre. Nenhum anseio, nenhuma busca, nenhuma meta vem perturbar seu sentido de união.

O eremita parte em viagem e Zernog compreende o que isto significa: chegara o momento de aquele grande ser retornar à Morada da qual interiormente nunca se apartara. "Assim ditam os

ciclos da existência", diz Zernog para si. Porém, continua a sentir a presença interior do eremita — é a própria Vida ensinando-lhe a viver.

Repetidas vezes a roda das estações gira, e estas, de maneira sempre renovada, revelam suas múltiplas facetas a Zernog. Passam-se anos? Décadas? Encarnações? Dificilmente se poderá afirmar, pois ele se encontra imerso em outro sentido de tempo. Imbuído de humildade e despojamento, alcança a Consciência. As imagens, o mundo tangível, as criaturas de Deus dissolvem-se numa plenitude indescritível, onde tudo está sintetizado, perfeito e imutável, onde a realização está consumada antes mesmo de emergir como meta. Estando no mundo dos homens, Zernog penetra outro mundo. Incognoscível? Apenas para o pequeno eu.

Em consciência, Zernog chega à Morada. Consagrado, torna-se um dos Elísios.

Livro 3

Bardo

O jovem Bardo havia-se separado dos dois companheiros para desfrutar as maravilhas do bosque. Tinha intenção de alcançá-los logo adiante, mas deixou-se inebriar pela beleza das ninfas, e seus olhos tornaram-se pesados, foi tomado por um sono incontrolável e ficou vagando por mundos imaginários.

Vivências do passado apresentam-se a ele transformadas pelos desejos e pela imaginação. Depara com pessoas queridas, mas estas parecem ignorá-lo. Dirige-lhes a palavra, mas não recebe resposta: escuta apenas o eco da própria voz. Ao tentar tocá-las, elas se esvaecem no ambiente etéreo de onde surgiram.

Bardo observa sem compreender. Não distingue se está acordado ou dormindo. Com a mente confusa, esfrega os olhos, balança a cabeça buscando lucidez, quer voltar ao mundo costumeiro. “Onde está o bosque? As árvores... as ninfas? Onde estou?”

Tudo lhe parece conhecido e desconhecido ao mesmo tempo. É como se os cenários e as pessoas fossem parte dele, fossem ele próprio, e é como se ele fosse os outros. “Como pode ser?... Oh! Deus Pai, que se passa comigo?”

Põe-se a chorar. Choro doído, como se o sofrimento de largas épocas estivesse contido naquelas lágrimas. Sente-se perdido, abandonado e só. Compreende que por suas próprias escolhas chegara a esse ponto.

* * *

Enquanto Bardo permanece preso naquele mundo de imagens errantes, seus companheiros seguem a jornada e, mesmo sem querer, deixam-no para trás.

Finalmente, o jovem desperta. Pressiona o rosto contra as palmas das mãos, respira fundo, suspira aliviado. “De volta à vida!”, pensa. Estira os membros e continua mais alguns instantes deitado sobre a grama. Está cansado, a tensão daquele sonho o havia exaurido. Começa a cochilar, mas logo levanta. “Quero terra firme. Nada de pesadelos.” Vai até a nascente, esfrega o rosto

com água fria. O Sol começa a surgir, e Bardo quer pôr-se logo a caminho. “Meus companheiros, preciso encontrá-los. Não devem estar distantes”, diz. Porém, o que não percebe é que, enquanto dormia, vários anos transcorreram... Sim, aquele não havia sido um sono normal.

* * *

“Caminhei por mais de sete horas!”, exclama Bardo ao notar que o Sol já declina. Preocupado em reunir-se aos companheiros, não vê quão diferente das trilhas que percorrera antes do sono é esse novo trajeto. Na verdade, ele ficara para trás no tempo e no espaço, mas os deuses giram velozmente a roda do destino e lhe preparam melhores conjunturas. Ainda assim, de certas situações difíceis Bardo não poderá escapar, pois fazem parte do seu aprendizado.

Durante as horas de caminhada, Bardo não encontrara vivalma. Mas, para sua surpresa, após galgar uma colina suave avista um pequeno vulto, recurvo, que vem em sua direção apoiado em rústica bengala de madeira. A fraca luminosidade do crepúsculo não lhe permite distinguir contor-

nos, mas alegra-se por deparar com alguém a quem poderá indagar notícias de seus companheiros.

Ajusta o cinto, puxa o colarinho para a posição correta, passa as mãos sobre os cabelos umedecidos de suor e apressa o passo. Chegando mais perto, constata que o vulto é de uma mulher bem idosa. "Que Deus te dê saúde e paz", fala-lhe Bardo, tentando aproximação. "Por acaso não terás visto por estas paragens um casal de viajantes montados em belos cavalos? Distanciei-me deles e preciso encontrá-los."

A anciã levanta os olhos e fita Bardo: um calafrio percorre-lhe a coluna. E um olhar sinistro, que lhe suga a vitalidade. Bardo esquiva-se, faz sobre si um sinal em cruz. Suor frio escorre-lhe pelo rosto, as pernas fraquejam. Bardo conhece lendas sobre bruxas que habitam os bosques e sobre entes que se revestem de formas femininas para apoderar-se dos homens, mas nunca dera crédito a essas histórias. Agora, no entanto, passam em sua mente como um bando de corvos fugidios.

O jovem procura afastar-se daquela figura repugnante, mas não consegue mover-se. Pensa

em gritar por ajuda, mas a voz lhe falha. A anciã se aproxima para tomá-lo pelo braço. Um terror incontrolável apodera-se de Bardo, que então, numa fração de segundo, se lembra de uma experiência da infância em que um perigo vivido em pesadelo foi dissolvido por uma luz que cruzou o céu. Bardo clama por aquela luz enquanto sente dedos gélidos tocando-lhe o pulso. Já desfalecendo, ele a vê atravessar velozmente o firmamento. Invoca-a e desmaia.

* * *

Quando volta a si, o jovem se acha diante de seis olhos a espreitá-lo. E que, estando desmaiado, um bom lenhador o encontrara e o conduzira a sua casa, não muito distante. Deitado em um leito, o corpo aquecido por cobertas de lã, foi tratado pela esposa e pelas duas filhas do lenhador. No momento em que desperta, elas o estudam detidamente, procurando alguma pista que as ajude a descobrir quem ele é.

Bardo assusta-se, e elas também. Ficam desconcertados, mas logo a esposa do lenhador toma a palavra e explica a Bardo o que se passara. Por fim, indaga-lhe o nome e de onde vem.

“Chamo-me Bardo, estou em viagem com dois amigos. Há três anos deixamos nossa terra e saímos em peregrinação pelo mundo. Dias atrás separei-me deles, mas tinha intenção de tornar a encontrá-los em seguida. Ia ao seu encalço quando desmaiei. Lembro-me de ter passado mal, talvez por algo que comi, não sei, talvez alguma erva do bosque tenha-me enfraquecido a razão.”

Bardo altera os fatos para apresentar-se melhor aos que o socorrem; mas bem se recorda da figura repugnante que o tomara pelo braço e da luz que certamente o salvara do seu assédio obscuro. Não quer falar disso, pelo menos por enquanto.

As jovens trazem-lhe um caldo, bem aquecido nas chamas do fogão a lenha. O vapor sobe da rústica vasilha e se dissolve no ar, enquanto o alimento é prontamente tomado pelo faminto peregrino. “Hum!...”, murmura ele. Sente-se acolhido e é grato pela ajuda que recebe.

Ali permanece em repouso por mais dois dias. No contato com aquela família, no meio de tanta simplicidade e despojamento, descobre um amor e uma harmonia até então desconhecidos. Bardo fora criado entre luxos e prazeres. Nada

de material lhe faltara. Porém, não sabia o que era amar de modo puro, o que era servir sem nada esperar em troca.

* * *

O jovem se recupera do impacto e começa a sentir falta de uma companhia. Não ousa insinuar-se para as filhas do lenhador, apesar de se sentir tentado a isso. E, antes que a situação escape ao seu controle, resolve partir. “Afinal, já é mesmo o momento de prosseguir viagem e não devo demorar-me por essas paragens, pois preciso juntar-me a meus amigos.”

Mas o inesperado acontece. Entardecia quando Bardo resolve comunicar sua decisão ao lenhador e família. Estão reunidos fora da casa, contemplando o poente. Luzes se deslocam silenciosamente no céu — movem-se com extraordinária rapidez, param com extrema suavidade, aumentam e diminuem o brilho como se conversassem com eles. Todos se sentem inundados por grande amor. Saúdam aquelas luzes e as têm como companheiras.

Bardo também percebe o amor puro que

emana daquelas luzes, mas não se deixa tocar por ele. As fibras do seu corpo estão tensas, anseia o calor de um corpo feminino, não a irradiação de uma luz viageira. Mas, assim que refuta essa irradiação, sente-se só, profundamente triste. Um calafrio percorre-lhe a coluna de cima a baixo. Sente náuseas e leve tontura. Apóia-se no batente da porta e, como se tivesse sido chamado, volta o olhar para o bosque, à sua esquerda. Vê então, a acenar-lhe, aquela asquerosa anciã.

Horror incontrolável apossa-se dele. Tenta gritar, mas não consegue. Sua vista escurece. Quer refugiar-se dentro da casa, mas as pernas não lhe obedecem. Enfraquecido, deixa-se deslizar pelo marco da porta. "Como pode ser?... Deus Pai, que se passa?" Bardo chora. A dor de muitos indivíduos parece condensar-se em suas lágrimas. Sente-se novamente abandonado e, agora de modo mais profundo, compreende que ele próprio, por suas escolhas, atraíra o que estava vivenciando.

* * *

Bardo está acamado, com febre alta e sucessivos delírios. Muitas vezes parece estar sen-

do atacado, grita por ajuda, move os braços tentando livrar-se de um inimigo invisível.

A esposa e as filhas do lenhador revezam-se no atendimento ao rapaz. Aplicam-lhe compressas e oram. No terceiro dia, o quadro parece melhorar. Bardo volta a si: magro, olhos fundos, como se tivesse chegado de uma guerra nos submundos da consciência. Mas não tem noção exata do que se passa.

O estado febril havia cedido, no entanto as visões alucinatórias continuam. A figura asquerosa da anciã agora lhe vem mais amiúde, do lado de fora da porta ou da janela. Ninguém a vê, só ele. Quando surge, Bardo fica paralisado, os olhos fitos nela. Seus membros se tornam gélidos. Depois, cai em profundo estado depressivo.

A situação preocupa a família que o acolhera e que não sabe mais como proceder. Porém, a certa altura, a filha mais jovem apresenta uma possível solução: “Não podemos explicar o que são aquelas luzes que surgem no horizonte ao entardecer, mas temos certeza de que são nossas amigas e de que nos amam. Por que não pedimos ajuda a elas?” Pai, mãe e irmã prontamente aprovam a idéia.

Nesse dia o lenhador nem vai à floresta trabalhar; conserva-se próximo à casa, entretido em afazeres leves. Não quer, por qualquer eventualidade, deixar de estar junto da família no momento do crepúsculo.

O Sol declina vagarosa mas continuamente. Com seus raios tinge as nuvens de tons vermelhos e laranja e o céu, de azul-violáceo. Magnífico é o cenário. A expectativa da família é grande. O Sol se põe e como de costume uma primeira luz viageira aparece no horizonte, como que surgida do nada. Aumenta o brilho e assim fulgura por alguns segundos.

"Luz santa!", exclama a esposa do lenhador. "Irmãos", diz em voz baixa a filha mais nova. Marido, mulher e filhas dão-se as mãos e oram. A luz parece escutá-los. Em seguida, ao lenhador cabe proferir, em voz alta, o pedido de ajuda para o pobre rapaz. A luz aumenta intensamente sua radiação, desloca-se pelo espaço em perfeito equilíbrio e desaparece.

Então, uma ave branca, inexistente na região, pousa no galho mais alto de uma árvore próxima. Ao mesmo tempo, um aroma muito delicado e misterioso inunda a atmosfera. A ave auspiciosa

olha para toda aquela família como se a conhecesse... Olha para o horizonte, dá um pio profundo e voa. “É um bom agouro”, diz a esposa do lenhador.

Os quatro retornam a casa. Uma claridade diáfana, incomum, a permeia inteira e esvaece em seguida. A família não a percebe, mas é uma resposta. Bardo dorme, e seu semblante agora está sereno.

* * *

As visões alucinatórias parecem ter cessado. A medida que se vai fortalecendo, Bardo sente dissolver-se sua intenção de procurar os amigos de que se havia apartado. Imagina que está prestes a tomar outros rumos, acerca dos quais nada sabe.

A vida simples que leva com a família do lenhador desperta nele uma serenidade que nunca conhecera. Agora, após tantas experiências dolorosas e difíceis, uma parte sua mais pura e inocente começa a emergir.

Bardo acompanha o lenhador em seu trabalho na floresta, a princípio um pouco temero-

so de ser assaltado por algum ente obscuro. No entanto, com o passar dos dias esse temor desaparece e cede lugar à vontade de servir, de ser útil, de ajudar os demais. Um novo brilho surge nos olhos do jovem Bardo. Seus gestos tornam-se mais harmoniosos e sua fala, mais calma.

A noite apenas principia e, estando todos dormindo, Bardo sai para caminhar um pouco, próximo a casa. Apesar do dia laborioso, não sente sono. As estrelas iluminam os arredores com sua claridade difusa. O ar está fresco e a noite especialmente agradável. Bardo senta-se sobre uma pedra lisa, voltado para o poente. Vênus fulgura em Aquário e, mais acima, Sirius governa o firmamento. De repente, como num sonho, o jovem vê diante de si um caminho longo, que parece não ter princípio nem fim. Vê-se trilhando esse caminho, solitário, até uma encruzilhada onde pára e fica em dúvida — como se quisesse tomar os dois rumos ao mesmo tempo. Forte tempestade se está armando. Tem de se decidir. Nesse instante, a visão se esvaece e Bardo se vê novamente sentado sobre a pedra lisa a contemplar o horizonte.

O ar da noite inunda-lhe os pulmões. Noite

tranquila, mas aquele sonho deixa Bardo preocupado. Algo se prenuncia...

* * *

Passam-se meses, até que certa tarde...

Animais correm assustados por todos os lados. O instinto de sobrevivência tenciona-lhes as fibras, tornando-as prontas para o inusitado. Onças e corças, lobos e lebres correm lado a lado. No perigo, o antagonismo se desfaz. Mas nem todos conseguem escapar do calor das chamas que devoram a floresta. O vento sopra forte, ligeiro, vai e volta, provém de todas as direções. Um poder invisível, superno, parece conduzir as forças naturais. A casa do lenhador está cercada pelo fogo. Seus moradores nada podem fazer. A fumaça e o calor vão-se tornando insuportáveis. Marido, mulher e filhas deitam-se no chão procurando salvar-se, mas não há aonde ir. E Bardo, onde estará? Naquele mesmo dia havia partido em viagem; decidira repentinamente.

A família ora. O fogo devora as paredes rústicas da casa. O teto estala. Em meio ao incêndio, surge a claridade diáfana, de brilho inco-

mum. Envolve os quatro inocentes, que de modo suave abandonam seus envoltórios carnais e são conduzidos em harmonia para o interior de uma das luzes viageiras.

Na mata, muitos animais sucumbem. As proporções do incêndio são incalculáveis. As chamas alcançam Bardo onde os caminhos se bifurcam. O jovem tenta correr, mas pisa em falso e cai. Uma árvore em chamas tomba sobre ele. Mas Bardo não sente dores. À medida que seu corpo vai sendo consumido pelo fogo, dele saem entes estranhos que se dissolvem na fumaça. Entre eles, a asquerosa anciã que o perseguia. E então, do corpo moribundo emerge a figura nobre, pura e inocente de uma criança.

E a criança é levada para os caminhos da paz.

Epílogo

A Morada

Nada se move na Terra. Um silêncio profundo envolve o mundo dos homens. Nem a claridade da luz que banha seus recônditos se vê. Mas a paz que se instala revela que outras são as eras, como também outra é a nota que a Terra soa na harmonia do espaço. Tudo nela parece estar imerso em sono restaurador; no entanto, o despertar não tarda.

Não muito longe, três silhuetas se fazem notar. Aproximam-se do cume da Montanha, onde são aguardadas. Um Venerável as espera. A Saikuma, mostra-se como o Instrutor. A Zernog, como o Eremita. A Bardo, como a claridade das luzes companheiras.

Para cada um dos peregrinos existe apenas o Venerável. Um silêncio repleto de amor e compreensão os envolve. Nenhuma palavra é dita, mas todos sabem que um acontecimento importante é iminente.

Um umbral descortina-se diante deles e os

atrai com força irresistível. "Que hei de encontrar? A nova vida tanto buscada?", perguntam a si mesmos.

*

No cerne da Montanha, ante Aquele Cujo Nome Não Pode Ser Revelado, as luzes guerreiras prestam contas de todo o trabalho feito. Ali está Betain, da linhagem dos curadores, para receber os seres que as luzes trazem em seu âmago. Ali também está Guatasuk, proveniente do Reino Maior, representante da justiça e do equilíbrio, para ajudar na transmutação dos corpos.

Na Terra, a tarefa prossegue, uma espécie de ressurreição, mas não como imaginavam os homens. Eles previam o prosseguimento do seu modo de vida num nível mais sutil, mas na realidade houve uma transformação substancial. A existência terrena prepara-se para expressar energias sublimes.

* * *

Naquele umbral com que os peregrinos deparam, esvaecem-se todas as noções de tempo e de espaço. Eles compreendem que estão sendo

resgatados. Uma a uma, são dissipadas as imagens que os faziam crer na sua existência separada de uma Totalidade.

Num gesto de amor, o Venerável os cobre com o manto da cura. Um grilhão se rompe. Saikuma, Zernog e a criança que emergira de Bardo fundem-se numa única luz. Aquele Cujo Nome Não Pode Ser Revelado, o andrógino e mais sutil de todos os Guardiães, acolhe-os em seu seio.

* * *

Hélius, materializado, é a visão máxima de todos os que as luzes resgatam. E o guardião dos portais por onde devem entrar os que retornarão à Terra purificada e os que habitarão plêiades distantes, mundos incorpóreos e imateriais.

Naquelas dimensões elevadas, Iknagdar é visto retornando ao seu Reino após ter cumprido sua missão na Terra. Outros guerreiros, igualmente ousados e experientes, assumem seu lugar para dar prosseguimento à reconstrução. A luz muito conhecida, que era a sua consciência, agora se dissolve no firmamento mais amplo que se avista na esfera terrestre. As luzes de Adit, do

Instrutor, do Eremita, dos Pássaros, também se dissolvem numa grande luz que chamam Reino de Edna, a Terra dos Espelhos.

No estado de consciência que é a Montanha, há um lugar especial para os que se incorporam à linhagem de Vach-Naitun, o Grande Guerreiro que assumiu resgatar o mundo dos homens. Sua consciência está enfocada em muitos pontos do cosmos infinito, mas cada um desses pontos tem a viva impressão de ser só para ele que Vach-Naitun existe.

* * *

Agora já não se vê no espaço sideral o mundo dos homens, a liha Perdida. As forças que a mantinham apartada do grande continente, da vida cósmica, foram dissolvidas ou trasladadas. Em seu lugar surge a Nova Terra, desde sempre esperada.

Com isso, a Humanidade, habitante de incontáveis universos, aproxima-se um pouco mais do Destino que lhe cabe cumprir. O Senhor dos Senhores sabe qual é esse Destino, e de todos cuidará.

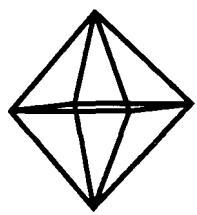
GLOSSÁRIO ESOTERICO

TRIGUEIRINHO

Com mais de mil verbetes acerca do que se passa na Terra
e no ser humano nesta época de transição,
esta obra vai ao encontro tanto dos que estão despertando para
a vida interior, quanto dos que já aderiram a ela.

Esclarece aos que buscam a verdade e anseiam penetrar o lado
desconhecido da existência humana, planetária e cósmica.

Mostra que enquanto se colhe a semeadura de ciclos passados,
planta-se a vida futura na Terra.



ALQUIMIA, MISTICISMO, LOGOS PLANETÁRIO, ANARQUIA DIVINA, RAIOS, RELIGIÃO, GRUPOS INTERNOS, ANDROGINIA, APARIÇÕES DA VIRGEM, ASTROLOGIA, SONHOS, ENERGIA SEXUAL, BASE DE OPERAÇÕES, CENTRO DE MISTÉRIOS, ARCANJO, NAVE ALFA, NAVE-LABORATÓRIO. SAINT GERMAIN, CENTRO DE TRASLADO, TRANSMUTAÇÃO, ANTIMATÉRIA, TRANSMIGRAÇÃO, REINO ANGÉLICO, HIERARQUIA INTERNA DA TERRA, CENTROS ENERGÉTICOS DO PLANETA, DIMENSÃO, AURA, CORPO GRUPAL, ELEMENTAIS, MÔNADA, CENTROS ENERGÉTICOS DO SER, CONE SUL, ENSINAMENTO ESOTÉRICO, CONFEDERAÇÃO INTERGALÁTICA, CRISTO, CORPO DE LUZ, ESPELHOS DO COSMOS, CULTURA. ETAPAS EVOLUTIVAS DO HOMEM, LEMÚRIA, MAGNETISMO, LEI DO CARMA, CENTRO INTRATERRENO. EXTRATERRESTRES, OPINIÃO PÚBLICA, UFO, VIDA DIVINA, FRATERNIDADE CÓSMICA. NÍVEIS ARDENTES. FILHOS DAS ESTRELAS, OPERAÇÃO RESGATE, IMPULSOS CÓSMICOS, INICIAÇÃO, RESSURREIÇÃO, IGREJA. FRATERNIDADE DO MAL, TRIÂNGULO DAS BERMUDAS, RONCADOR, RAÇA, MANTRAS, DEVA, MEDICINA, MEDITAÇÃO, PASSAGENS INTERDIMENSIONAIS, PIRÂMIDE, PESQUISAS EXTRATERRESTRES, MEMÓRIA. POLARIDADE FEMININA DO PLANETA, PROFECIA, APOCALIPSE, ATLÂNTIDA. PSICOLOGIA ESOTÉRICA, MAGIA, ASHRAM, SIGNOS CÓSMICOS, AVATAR, ESSÊNIOS, etc.

Pensamento

Contatos
com um
ŪTonastério JnfraferrenQ

Trigueirinho

O que se passou com a personagem deste livro é algo que, em diferentes graus, está ocorrendo com muitos indivíduos hoje. Habitantes de mundos invisíveis revelam-se ao ser humano da superfície da Terra e indicam-lhe o caminho ascendente por meio do qual a vida sobre este planeta prepara sua renovação.



Nem todos têm clara consciência desses fatos sutis, mas podem pressenti-los e, quando tomam conhecimento deles, reconhecem-nos como verdadeiros.

Afinal, quantas vezes já nos percebemos ajudados por consciências de outras dimensões? Serão anjos, devas ou humanidades de reinos paralelos ao nosso?

Esse contato com os mundos internos é fruto da unificação do ser.

E isso nos é confirmado pela jovem personagem deste livro.

Trigueirinho

A Morada dos Elísios

Uma aventura esotérica

Uma aventura esotérica

"Conheço-te profundamente. Há vidas acompanho teu progresso. uve, porém, stâncias que te m a afastar-te isciplina e da a da verdade. assaste por ncias dolorosas outras que te porcionaram lade. Contudo, beste como era ro tanto o que sofrias quanto o que desfrutavas, e pouco a pouco retomaste a senda abandonada. A inquietação que desponta em tl agora é fruto dessas experiências; não lhes dê atenção. Concentra-te no que vou dizer-te, escuta e guarda em teu coração cada palavra. Elas têm valor e poder próprios, o alento de que necessitas."

Editora Pensamento